

ANA CRISTINA CESAR: uma análise da estética confessional e do jogo de linguagem de uma poetisa marginal

Clodoaldo Sanches Fofano

Doutorando em Cognição e Linguagem (UENF). Mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória (FUV) Graduado: Letras: Português/Espanhol (UNIFSJ) Graduado: Pedagogia (FAVED).

Alcione Candido da Silva

Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Mestra em Letras, pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF).

Eliana Crispim França Luquetti

Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora Orientadora Doutorado em Cognição e Linguagem – (UENF).

RESUMO

O presente artigo objetiva analisar a obra da escritora Ana Cristina Cesar sob aspectos que evidenciam características que a denominam poetisa marginal, pertencente à geração mimeógrafo, com atenção especial à estética confessional e ao jogo de linguagem da autora. Essa mulher, carioca, poetisa, jornalista, tradutora e crítica literária que surgiu na literatura brasileira na década de 70, foi uma das principais representantes do movimento literário conhecido como Geração Mimeógrafo com a poesia marginal. Na construção deste estudo, realizou-se pesquisa bibliográfica de base qualitativa por meio de fontes teóricas que embasam a busca de respostas sobre o tema abordado. Assim, este artigo faz uma abordagem da obra da autora, de forma que evidencia o enfrentamento a um silêncio imposto, principalmente, aos oprimidos socialmente. Ana Cristina Cesar enfrentou a censura imposta pelo momento político no Brasil: a ditadura militar, sem deixar de imprimir a marca dela, ao valorizar o coloquialismo e a experiência vivida no cotidiano que contrariava todas as regras e tradições da sociedade naquela época.

PALAVRAS-CHAVE: Ana Cristina Cesar. Estética confessional. Feminismo.

ABSTRACT

The present article aims to analyze the work of the writer Ana Cristina Cesar under aspects that evidence characteristics that call it poetisa marginal, belonging to the mimeograph generation, with special attention to the confessional aesthetics and the language game of the author. This woman, a Carioca, poet, journalist, translator and literary critic who emerged in Brazilian literature in the 1970s, was one of the main representatives of the literary movement known as Generation Mimeograph with marginal poetry. In the construction of this study, qualitative bibliographical research was carried out through theoretical sources that support the search for answers on the topic

addressed. Thus, this article makes an approach to the author's work, in a way that shows the confrontation with a silence imposed, mainly, on the socially oppressed. Ana Cristina Cesar faced the censorship imposed by the political moment in Brazil: the military dictatorship, while not imprinting the mark of it, by valuing the colloquialism and the experience lived in the daily life that contradicted all the rules and traditions of society at that time.

KEYWORDS: Ana Cristina Cesar. Confessional esthetics. Feminism.

Noite carioca
Diálogo de surdos, não: amistoso no frio. Atravanco na
contramão. Suspiros no contrafluxo. Te apresento a mulher
mais discreta do mundo: essa que não tem nenhum segredo.
(CESAR, 2016, p. 16)

1 Introdução

Ana Cristina Cesar (Ana C.), carioca, poetisa, jornalista, tradutora e crítica literária que surgiu na literatura brasileira na década de 70, foi uma das principais representantes do movimento literário conhecido como Geração Mimeógrafo com a poesia marginal. A autora atuou intensamente na vida acadêmica, profissional e pessoal, repleta de conquistas. Sendo assim, viveu e morreu prematuramente aos 31 anos, vítima de suicídio. Enfrentou a censura imposta pelo momento político no Brasil: a ditadura militar, sem deixar de imprimir a marca dela, ao valorizar o coloquialismo e a experiência vivida no cotidiano que contrariava todas as regras e tradições da sociedade naquela época.

Pretende-se, nesta pesquisa, analisar a obra da escritora Ana C. sob aspectos que evidenciam as características que a denominam poetisa marginal, pertencente à geração mimeógrafo. Nessa perspectiva, construiu-se a seguinte questão-problema que norteou este estudo: de que maneira Ana C. se aproxima da dialética da marginalidade dos poetas do século XXI?

Esse artigo traz consigo como objetivo geral analisar a obra da escritora Ana C. com o intuito de destacar características da estética confessional e o jogo de linguagem da autora como poetisa marginal. Já como objetivos específicos: 1) apresentar a trajetória de vida dessa escritora carioca, que precocemente cria os seus primeiros poemas com apenas 07 anos de idade. 2)

destacar a mulher Ana C. com sua marginalidade na geração mimeógrafo e confissões através de suas cartas, diários, poemas e autobiografias. 3) refletir sobre a marginalidade de Ana C. como figura feminina que se evidencia como centro e proximidade desse movimento da década de 70 com a nova literatura “marginal” do século XXI, em especial, por meio do livro **A teus pés** (2016). 4) discutir a diferença entre literatura marginal e dialética da marginalidade em Ana C., como mulher e escritora pertencente ao movimento Geração Mimeógrafo.

A justificativa desta pesquisa evidencia-se pelos estudos realizados de literatura brasileira, em especial da década de 70, durante a Ditadura Militar, em que Ana C. apresenta-se como mulher, pioneira da literatura intitulada marginal, ao considerar as características da geração mimeógrafo e a estética confessional da autora. Além de investigar a aproximação da literatura marginal dessa época com a dialética da marginalidade de Antônio Candido (2009).

Para alcançar os objetivos propostos, este trabalho utiliza a pesquisa de cunho bibliográfico e foram analisados trechos de publicações fundamentais ao seu desenvolvimento em livros, periódicos, teses e outros materiais produzidos por estudiosos e teóricos como Candido (2009), Rocha (2011), entre outros. De posse desse material, são estabelecidas considerações sobre suas ideias, articulando-as no que converge e no que diverge entre elas.

2 SINGULARIDADES DE ANA CRISTINA CESAR: trajetória de vida e atividade poética

A escritora Ana Cristina Cesar nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em uma família de classe média, protestante e muito culta. Era filha de um sociólogo, teólogo e grande intelectual, de nome Waldo Aranha Lenz Cesar e de uma professora de Literatura, Maria Luiza Cesar que trabalhava no Colégio Bennet, hoje Instituto Metodista Bennet. No diário de Waldo Cesar estava escrito:

Fui para a maternidade logo cedo. Li e escrevi um pouco até que disseram: chegou, é menina. Maria bem, um pouco cansada. À tarde voltei mais a avó, o avô e a tia- e vimos a

menina que tinha poucas horas. Uma filha... Pensar muito nela e ajudá-la em tudo. Como vai ser? Imagino ela e mãe muito amigas. Vai ser uma criatura muito bonita, viva, inteligente. Sou pai. O tempo caminha [...] Felicidades, Ana Cristina! (CESAR, 2016, p. 126).

Desde muito cedo teve um contato acentuado com a religião e literatura e, aos dois anos de idade já estava matriculada no maternal do Colégio Bennet. Durante a ditadura, suas primeiras poesias recitadas, com somente quatro anos, já revelava desde então o seu talento. Os poemas da escritora foram publicados no jornal carioca - *Tribuna da Imprensa* - quando ela contava apenas com sete anos. Estudou o primário e secundário no mesmo colégio e ali fundou e dirigiu ainda bem jovem o **Jornal Juventude Infantil**, um jornal “escolar e família”, quando recebeu elogios, por escrito, da diretora da época Iracema França Campos. O desempenho de Ana C. na poesia também foi extremamente significativo quando estudou no Colégio Estadual Amaro Cavalcanti. Para confirmar o que seu pai disse na maternidade no dia 02 de junho de 1952 – dia do seu nascimento – a menina se tornou sim muito viva e inteligente!

O primeiro passeio que a escritora fez ao exterior conheceu o Uruguai, cidade de Montevidéu, em companhia de seus pais e de seu irmão Flavio. Viajou de carro passou por Curitiba, Caxias do Sul, Porto Alegre, Pelotas e Chuí. Disse em seu diário: “A fronteira entre Brasil e Uruguai é um fosso sujo, onde só há um guarda.” (CESAR, 2016, p. 127).

Entre os anos de 1966 e 1967, após ter uma passagem de curto período pela Igreja Metodista do Catete, torna-se membro da Igreja Presbiteriana de Ipanema, destaca-se no trabalho com a mocidade, dirige o jornal mensal “Comunidade”, mimeografado, composto por cadernos, blocos, diários que, em algumas vezes, tinha o registro de uma marca criada pela escritora de nome “Editora Problemas Universais”.

Mais tarde Ana Cristina morou durante um ano em Londres, na Inglaterra, participando de um intercâmbio da juventude cristã, com uma bolsa ofertada por instituições protestantes, o que a permitiu um estreito contato com a literatura inglesa, bem como, inaugurou o interesse por traduções de peças literárias e contato com autores que viriam influenciar sua obra posteriormente.

Durante esse período escrevia cartas onde já se verificava uma das características mais marcantes de sua escrita, a estética confessional. Sendo assim, lê-se:

Londres, 13 de outubro, 69 – Mamãe, sinto tua falta. O pai trouxe consolo, amor, desequilíbrio, pensação. Esta Inglaterra me dói às vezes. [...] Fomos ver *Hair*, estupor, estupendo, fomos ao bairro pobre de Londres (*Nothing Hill*), voltei com o pai à magnífica *St. Paul*, e descobri a torre de Londres e a Ponte. É noite de domingo, triste, sendo frio, frio, sendo triste (CESAR, 2016, p. 128).

Ana C. cursou licenciatura em Letras: português e literatura na PUC-Rio, concluiu essa graduação em 1975. Durante os estudos já lecionava português e inglês, inclusive como voluntária, realizava pesquisas e atuou também como monitora de teoria da literatura. Na faculdade teve entre os seus professores Cacaso, Clara Alvim e Luiz Costa Lima. Clara Alvim foi quem a aproximou de Heloísa Buarque de Hollanda, que mais tarde foi orientadora de mestrado de Ana C., e quem a apresentou a Armando Freitas Filho, esses dois se tornaram seus melhores interlocutores e amigos.

Em 1976, Ana Cristina Cesar ganhou maior visibilidade e fama com a antologia poética *26 poetas hoje*, publicada por Heloísa Buarque de Hollanda, que viria a ser sua orientadora de mestrado. A antologia apresentava poemas selecionados de autores da chamada geração marginal, que se destacava na poesia naquela década (FORTUNA, 2014, p. 13)

No ano seguinte à conclusão do curso de letras, Ana C. iniciou na PUC-Rio o mestrado em literaturas sem terminar e um ano depois, na Escola de Comunicação da UFRJ, começou o mestrado em comunicação cuja dissertação teve como área de pesquisa literatura e cinema. Uma parte de seus estudos resultou no livro publicado em 1980 – **Literatura não é documento**.

De volta à Inglaterra, patrocinada por uma bolsa de estudos da *Rotary Foundation*, obteve o título de mestre em Teoria e Prática da Tradução Literária na Universidade de Essex em (1981), quando retorna ao Brasil. No ano

seguinte lança no mês de dezembro, no Rio de Janeiro o primeiro e único livro de poemas - poesia e prosa - **A teus pés**, pela editora Brasiliense.

A vida dessa professora, escritora, tradutora, jornalista, crítica literária foi marcada por uma intensa atividade poética que reúne gêneros pouco apreciados pelo cânone, como cartas, manuais, diários íntimos, confissões e memórias, que revela suas principais características: poeta marginal de estética confessional, embora tratasse de assuntos diversos em seus escritos cotidianos com seu estilo informal.

Morreu prematuramente aos 31 anos de idade após crises de depressão levando-a a cometer o suicídio. Entretanto a obra de Ana C. é ainda tema de discussões e edições, vindo inclusive, ser homenageada recentemente na FLIP de Paraty-RJ no ano de 2016.

3 FEMINISMO E CONFISSÕES: intimidade de uma mulher marginal

Na década de 70, a literatura brasileira desponta para um movimento literário ímpar que comungava com o momento político da nação – a ditadura militar, movimento com muitas manifestações, permeado pelo debate, inconformismo e rebeldia. Os escritos surgiam em bares, portas de teatro, praias, cujas publicações eram feitas nos mimeógrafos – daí o nome dessa geração – pouco havia em livrarias. Os folhetos substituíam os livros e eram passados de mão em mão na maioria das vezes. De qualquer forma não deixaram de ser uma criação literária importante da nossa sociedade. Ana C. inicia seu trabalho e publicações nesse contexto.

Ana Cristina Cesar aparece no cenário literário entre os anos 70 e 80, destacando-se entre os poetas da chamada “geração marginal” ou “geração mimeógrafo”, a qual os poetas produziam, divulgavam e veiculavam seus próprios livros. Em função dessa dinâmica e por situar-se à margem das publicações das grandes editoras, a produção dessa geração de poetas ficou conhecida como “poesia marginal” (CARDOSO, 2011, p. 79).

Dessa maneira, a produção de Ana C. é repleta de sentimentos, especialmente por uma busca pela liberdade de ser e agir que por vezes

confunde o leitor, mas que a torna única. No período da Ditadura Militar a literatura afirmava uma forma de protesto, de inconformismo com o autoritarismo daquele momento. Em geral os autores em seus escritos tratavam de temas relacionados ao dia a dia das pessoas, à cor da pele, à sexualidade e o corpo. A linguagem era coloquial e propunha uma inovação e ruptura com o discurso acadêmico de antes. Esse foi então o movimento literário marginal. A liberdade na criação era uma marca levando-se em conta a repressão e a censura. O momento histórico vislumbra uma nova tendência em literatura. Conforme afirma Antônio Candido:

A criação literária traz como condição necessária uma carga de liberdade que a torna independente sob muitos aspectos, de tal maneira que a explicação dos seus produtos é encontrada, sobretudo neles mesmos. Como conjunto de obras de arte a literatura se caracteriza por essa liberdade extraordinária que transcende as nossas servidões. Mas na medida em que é um sistema de produtos que são também instrumentos de comunicação entre os homens, possui tantas ligações com a vida social, que vale a pena estudar a correspondência e a interação entre ambas (CANDIDO, 2009, p. 1).

As cartas de Ana C. revelam uma mulher ousada, indiscreta, provocativa, com uma poesia que brinca, com versos fragmentados que jogam com a sua identidade confessada e contestável.

28 de junho

Cantei e dancei na chuva. Tivemos uma briga [...]. Escreveu algumas palavras. Recurso mofado e bolorento! Me chama de vadia para baixo. Me levanto com dignidade, subo na pia, faço um escândalo, entupo o ralo com fatias de goiabada (CESAR, 2011, p. 85).

Diante da confissão supracitada, Katiuce Lopes Justino confirma essas características de Ana C. que a colocam como uma mulher de grande audácia naquela época. O jogo de palavras um tanto ríspidas e recortes na escrita. Nesse sentido a autora Katiuce alega:

Ana Cristina Cesar realiza esse trabalho por meio de uma inventividade estética centrada na inserção e subversão de assuntos e formas poéticas ligados tradicionalmente ao

universo feminino. Assim, ela se vale basicamente de simulacros de diários e cartas que falseiam uma escrita autobiográfica para compor um jogo de cartas marcadas que, em última instância, seja capaz de um questionamento profícuo em relação às potencialidades da escritura poética e aos limites interpretativos da própria crítica, apegada muitas vezes em formulações estigmatizantes. Nesse processo, ela coloca o discurso feminino frente à tradição literária, eminentemente masculina (JUSTINO, 2014, p. 15).

Observa-se que a poetisa se mostra provocadora na medida em que a sua intimidade parece ser exibida sem o menor pudor. Um misto e uma explosão de sentimentos pode ser verificado pelo leitor em tamanha subjetividade que o mobiliza a todo tempo à medida em que desconfia do conteúdo de realidade dos escritos de Ana C. Afirma Marcos Siscar:

É significativo para não dizer surpreendente, que uma poeta preocupada com a formulação da subjetividade como processo construído, tão avessa à “tirania do segredo”, inclua tão intensamente em sua poesia efeitos de espontaneidade, sinceridade, franqueza, alusões constantes que guardam o aspecto de acontecimentos pessoais e de segredos íntimos (SISCAR, 2011, p. 23).

A presença de lances de intimidade excessivos mostra um jogo de Ana C. que provoca, seduz, representa como um modo feminino de ser, sentir e escrever. No poema **Anônimo** verifica-se esse jogo poético.

Sou linda; quando no cinema você roça
o ombro em mim aquece, escorre, já não sei mais
quem desejo, que me assa viva, comendo
coalhada ou atenta ao buço deles, que ternura
inspira aquele gordo aqui, aquele outro ali, no
cinema é escuro e a tela não importa, só o lado,
o quente lateral, o mínimo pavio. A portadora
deste sabe onde me encontro até de olhos
fechados; falo pouco; encontre; esquina de
Concentração com Difusão, lado esquerdo de
quem vem, jornal na mão, discreta.

(CESAR, 2016, p. 72)

De fato, Ana C. permite uma leitura instigante dos textos dela. Ler, reler e imaginar que a autora fala de si mesma, das experiências cotidianas, das

intimidades, de relacionamentos ou encontros. O feminino confesso numa linguagem própria, um drama passional, certa ironia e segredos desnudados.

4 Literatura marginal e a dialética da marginalidade

A marginalidade de Ana. C está vinculada ao fato de ser uma mulher e escritora, numa época em que a maioria das produções literárias era de cunho masculino, uma oposição à tradição. Outra evidência encontra-se nos textos dessa escritora, cujos gêneros textuais – carta/correspondência e diário íntimo - considerados como sendo literatura menor, conforme afirma Anélia Pietrani:

Devemos destacar que, na “poesia marginal” dos anos 70, a autora atualiza dois gêneros usualmente considerados literatura menor: a carta e o diário. Resgata, dessa forma, não só o coloquialismo da linguagem — que foi caro ao especialíssimo modernista Bandeira — mas também a profunda interação entre o sujeito lírico e seu leitor implícito. Tal preocupação já pode ser observada no título de *A teus pés*” (PIETRANI, 2006, p. 148).

Nas décadas de 70 e 80, o movimento marginal pode ser definido como uma maneira de viver ou de produzir textos em um período da história do país em que a melhor forma de protestar e, conseqüentemente, escapar das severas punições era utilizando a arte em suas diferentes manifestações. O movimento marginal surgiu logo após o Tropicalismo. Tal movimento cultural surgiu ainda na década de 60, em que alguns artistas desenvolveram posturas rebeldes contrariando as normas ditas “politicamente corretas”. Artistas baianos como Gilberto Gil, Caetano Velos e Gal Costa assumiram em suas músicas uma postura de manifesto. Sobre o movimento Tropicalista Ana C. afirma:

É com o chamado movimento Tropicalista (1967-68) que vão surgir as primeiras manifestações culturais desse desvio. [...] A produção musical dos novos compositores era marcada, nessa época, por uma tendência “participante”, ligada ao engajamento político: a canção de protesto. Inclinada para a denúncia social explícita, a canção de protesto procurava atuar como catalisadora política de setores da classe média, especialmente os estudantes, e subordinava o elemento estético às exigências imediatas da agitação política (RODRIGUES, apud CÉSAR, 2016, p. 123).

Dessa maneira, compreende-se que o movimento marginal da época representava uma postura de oposição, de reação ao momento político vivenciado. Tal representatividade era uma forma de todos os excluídos chamarem à atenção, a fim de que fossem notados pela sociedade. Sobre essa postura Silviano Santiago escreve em seu ensaio histórico **O entre - lugar do discurso latino-americano**:

Entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão – ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade, ali se realiza o ritual antropófago da literatura latino-americana (RODRIGUES apud SANTIAGO, 2002, p. 26).

Portanto, a postura de Ana C. comunga com esse período de efervescência de cultura, contracultura, que dominava o cenário internacional e contagiou alguns jovens escritores numa espécie de antropofagia. Tal fenômeno se propagou na música, nas artes em geral, e inclusive na literatura. Sendo assim, o movimento marginal, que ora era seguido por pessoas da sociedade que pertenciam em geral da classe média, de pele alva, de uma estética invejável, sem problemas financeiros, mas que se reuniam em bares e beira da praia para contestar toda a imposição de cerceamento da liberdade vivida, marcou sobremaneira a literatura brasileira. De maneira que Ana C. não resistiu e foi contagiada ativamente por esse movimento.

Modernamente, intitula-se como marginal a cultura periférica de cidadãos excluídos – mulheres e homens negros, pobres, que moram nas favelas, sem oportunidades na sociedade, que reagem à exclusão social. A dialética da malandragem amplia de forma que o conceito de marginalidade ganha uma nova conotação literária, sendo denominado então como dialética da malandragem. Sobre tal fato esclarece João Cezar:

[...] procuro identificar um fenômeno que tem ocorrido nos últimos anos, cujas consequências não podem ainda ser completamente avaliadas, uma vez que ainda está em pleno desenvolvimento. Esse fenômeno deve provocar uma mudança radical na imagem da cultura brasileira no exterior, como também na auto-imagem que os brasileiros mantêm. Estou me

referindo à transição da “dialética da malandragem”, como Antonio Candido conceituou a estratégia social do malandro, para a “dialética da marginalidade”, como proponho batizar o fenômeno. Para ser mais preciso, estou lidando com a colisão entre esses dois modos de compreender o país, uma vez que não se trata da substituição mecânica de um por outro, mas, ao contrário, estamos vivendo uma “guerra de relatos (ROCHA, 2011, p. 158).

Diante desse fenômeno ainda em construção na pós-modernidade – dialética da marginalidade – torna-se fragilizada a marca de Ana C. como autora marginal, uma vez que, não seguia a proposta concebida por pessoas que estão à margem da sociedade, excluídas, mas sim, contrárias a preceitos políticos e à tradição literária. Ressaltam Fortuna; Lima; Vilaça:

Heloísa Buarque de Hollanda considera Ana Cristina Cesar “poeta marginal ‘especial’”, argumentando que Ana C. e sua poesia não se enquadravam nos padrões da poesia marginal da época. Ao mesmo tempo em que seus textos, naquele momento, eram anticanônicos, não é possível afirmar que a escritora seguisse totalmente o projeto desenvolvido por seus amigos, os chamados poetas marginais, embora compartilhasse das convicções do grupo. (FORTUNA; LIMA; VILAÇA, 2014, p. 59)

Logo, Ana C. viveu a marginalidade de seu tempo, mas não dos tempos atuais, uma vez que, não possui características representativas da literatura periférica. Embora a obra da escritora seja um manifesto de enfrentamento, de oposição à Ditadura Militar.

Considerações Finais

O contexto vivido por Ana C. possuiu características que a incluem pertencente ao movimento Geração Mimeógrafo, levando-se em consideração não só o momento político, mas a produção literária marginal. Maior particularidade era o fato de ser mulher num período em que as publicações eram em sua maioria de homens, vislumbrando a sociedade patriarcal. Precocidade, publicações em mimeógrafos, inconformidade com a situação da sociedade, rebeldia, enfrentamento.

Pode-se considerar que a estética confessional transborda em sua obra através de suas cartas, seus diários, seus poemas e autobiografias, em prosa e versos. Todo sentimento explicitado de forma irreverente revela um misto de conflitos de ordem passional, uma inquietude diante das convenções sociais. Sendo assim, Ana C. se mostra tão determinada que essa linda mulher de família abastada, com formação acadêmica de sucesso, publicações que despertam para novas leituras e novos estudos, determinou inclusive a hora de partir desse plano.

Ao considerar a marginalidade pós-moderna que se refere a uma produção literária periférica, de um lugar onde está a classe trabalhadora que movimenta as cidades, local dos excluídos, os marginalizados, os desiguais e ignorados que criticam os valores capitalistas de consumo, pode-se inferir que Ana C. não se enquadra nesse fenômeno.

Referências

CANDIDO, Antonio. **Literatura de dois gumes**. 2009. Disponível em: <<https://texsituras.files.wordpress.com/2011/08/3-literaturadedoisgumesantoniocandido.pdf>>. Acesso em: 30/05/2019.

CARDOSO, Tânia Cardoso de. **O sujeito poético em Ana Cristina Cesar**. Porto Alegre: Letras de Hoje, V. 46, 2011.

CESAR, Ana Cristina. **A teus pés**, 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FALEIROS, Álvaro; ZULAR, Roberto; BOSI, Viviana (Org.). **Sereia de Papel: Visões de Ana Cristina Cesar**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2015.

FORTUNA, Daniele Ribeiro; LIMA, Jacqueline de Cassia Pinheiro; VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. **À margem da poesia marginal: a poesia de Ana Cristina Cesar**. 2014. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/18762>>. Acesso em: 30/05/2019.

JUSTINO, Katiuce Lopes. **Conversa de senhoras: a performance do feminino em Ana Cristina Cesar**. 2014. 151 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Letras, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/127566>>. Acesso em: 30/05/2019.

PIETRANI, Anélia Montechiari. A ansiedade de ser outro (sobre Ana Cristina Cesar). **Boletim de Pesquisa Nelic**, Florianópolis Sc, v. 89, n. 6, p.147-158, 12 maio 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/nelic/article/view/1582>>. Acesso em: 30/05/2019.

ROCHA, João Cezar de Castro. **A guerra de relatos no Brasil Contemporâneo**. Ou: A “Dialética da Marginalidade”. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11909>. Acesso em: 30/05/2019.

RODRIGUES1, Leandro Garcia. ANA CRISTINA CÉSAR: NÃO TÃO MARGINAL ASSIM. **Diálogo e Interação**, Cornélio Procópio - Pr, p.01-16, 2011. Disponível em: <<http://www.faccrei.edu.br/wp-content/uploads/2016/10/diartigos75.pdf>>. Acesso em: 30/05/2019.

SAMUEL, Rogel. **Novo Manual de Teoria Literária**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

SISCAR, Marcos. **Ciranda da Poesia Ana Cristina Cesar**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2011.